

humanitas

Vol. LVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LVI • MMIV



**DOIS EPIGRAMAS
ATRIBUÍDOS A ANDRÉ DE RESENDE**

A. COSTA RAMALHO
Universidade de Coimbra

“Two epigrams attributed to André de Resende”

Abstract: In his book *André de Resende's Poemata Latina/Latin Poems*, Prof. John Martyn presents the XVIth century Portuguese humanist as the author of two epigrams which do not belong to him. The first epigram is about the behaviour of Vittoria Colonna, marchioness of Pescara, compared with that of Porcia, Brutus' wife, on the death of their husbands. The second one is the well-known epigram *De Roma* published by Ianus Vitalis in his *Elogia* in 1553. The present writer states his reasons for not crediting André de Resende with the authorship of the first poem and for keeping Vitalis as the author of the second.

A atribuição é da autoria do Prof. John R. C. Martyn no seu livro *André de Resende's Poemata Latina/Latin Poems* (Lewiston, New York, 1988), 41-42.

Corneliae Victoriae, de obitu coniugis Piscariae principis

*“Te sine non uiuam, mi Brute,” exterrita dixit
Porcia, et ardentes sorbuit ore faces.*

*“Dauale, te extincto”, dixit Cornelia “uiuam,
ut possim longos maesta uidere dies.”*

*Vtraque Romana est, sed in hoc Victoria maior.
Viua dolere potest, mortua nulla potest.*

“A Cornelia Vittoria sobre a morte do marido, marquês de Pescara”

“Sem ti não viverei, meu querido Bruto,” disse aterrorizada
Pórcia, e engoliu brasas em fogo.

“Dávalos, falecido tu, viverei” – disse Cornélia – “para que
eu possa, em tristeza, ver longos dias”.

Ambas são romanas, mas neste caso, Vitória é maior.

Viva pode sentir a dor que morta alguma pode sentir.

A palavra *princeps* em latim aplica-se a qualquer pessoa principal e não apenas ao “príncipe” como título nobiliárquico. No Latim Renascentista usou-se de qualquer magnate ou titular. Neste caso, o *Piscariae princeps* é Ferrante D’Avalos, marquês de Pescara. E Cornélia Vitória é a famosa Vittoria Colonna, bem conhecida em Portugal, nos meados do século XVI.

O Prof. Martyn que, segundo parece, não sabe nada disto, traduz *Piscariae princeps* por “Prince of the Fishmarket”, inesperadamente “Príncipe do Mercado do Peixe”.

A julgar pelo manuscrito quinhentista do Colégio de Santo Inácio, no Rio de Janeiro, onde também se encontra, o epigrama é provavelmente obra dum jesuíta.

Com efeito, este manuscrito, trazido em tempos de Roma por um jesuíta, é constituído, na quase totalidade, por poemas da autoria de membros da Companhia. Na primeira metade encontram-se os cinco coros de *Achabus*, a segunda metade contém o texto de *Saul Gelboaeus*, duas tragédias de Miguel Venegas, S.J.

O título no manuscrito do Rio de Janeiro é *De Cornelia Victoria comparata cum Portia uxore Bruti, in obitu eius uiri*, “Acerca de Cornélia Vittoria, comparada com Pórcia, mulher de Bruto, na morte do seu marido”.

O epigrama compara o destino de duas mulheres, ambas romanas, que perderam os maridos: Pórcia, a da Roma da época de César, ter-se-ia suicidado depois da morte do cônjuge, o Marco Bruto que assassinou com outros Júlio César. Derrotado em combate pelas forças de Octávio e Marco António, suicidou-se em 42 a.C.

Vittoria Colonna (1492-1547), a romana moderna, limitou-se a sobreviver ao marido, Ferrante d’Avalos, marquês de Pescara, falecido em resultado de ferimentos recebidos na batalha de Pavia, no ano de 1525, na qual foi feito prisioneiro pelos espanhóis o rei Francisco I de França.

Vittoria Colonna, de uma nobre família romana, viveu ainda vinte e dois anos, depois da morte do marido. Foi poetisa admirada, centro de um círculo de intelectuais e artistas, o mais célebre dos quais foi Miguel Ângelo, escultor e pintor, também poeta, de quem Vittoria se tornou a Musa inspiradora.

Olhando objectivamente o *Fatum* das duas mulheres, o de Pórcia parece bem mais trágico. Mas no Renascimento, quando o paradigma da Antiguidade Clássica estava sempre diante dos olhos dos poetas, a comparação de um contemporâneo com uma figura do mundo antigo era sempre favorável ao moderno.

Neste caso, porém, a comparação parece assentar numa falsa tradição, posta a circular por Valério Máximo. Na verdade, Pórcia (felizmente para ela!) não precisou de engolir carvões em chamas, porque já teria morrido, quando Bruto se suicidou. Ver a esse respeito o *Oxford Classical Dictionary*, s.u. "Porcia".

Vittoria Colonna foi também conhecida no meio cultural português do seu tempo. A linhagem dos Sás, a que pertenceram João Rodrigues de Sá de Meneses e Francisco de Sá de Miranda, conservava a memória de um antepassado distante que casara com uma senhora desta nobre família romana. E Sá de Miranda foi bem acolhido por Vittoria durante a sua estadia em Itália (1521-1525).

Dirigidos a João Rodrigues de Sá, Francisco escreve os conhecidos versos que começam:

"Dos nossos Sás Coloneses/Gram tronco, nobre columna".

E no brasão de Mem de Sá, impresso na portada do poema *De Gestis Mendi de Saa* (1562), lá figura, bem ao centro, a coluna que evoca a memória dos Colonnas romanos.

Também o arquitecto e pintor Francisco de Holanda, durante a sua viagem de estudo em Itália (1538-1547), frequentou o círculo erudito de Vittoria Colonna onde conheceu e ouviu Miguel Ângelo, como conta no seu livro *Da Pintura Antiga*.

A respeito do nível desses diálogos, recheados de memórias eruditas da Antiguidade Clássica, ver o episódio narrado em A. Costa Ramalho, "Sobre um passo de Francisco de Holanda", *Para a História do Humanismo em Portugal*, II (Lisboa, FCG/JNICT, 1994), 189-191.

Um admirador italiano e panegirista de Vittoria Colonna esteve em Lisboa no começo da década de quarenta do século XVI. Trata-se de

Girolamo Britonio, natural de Sicignano, que usou o nome humanístico de Hieronymus Britonius Sicinius. Eram conhecidas as suas relações com Diogo Sigeu e sua portentosa filha, Luísa Sigeia.¹

Em três oitavas dum poema em italiano, publicado em Veneza em 1550, o poeta recorda, além dos Sigeus, pai e filha, alguns portugueses que conheceu durante o seu exílio em Portugal: o duque de Aveiro (certamente D. João de Lencastre), Simão da Silveira, Jorge Coelho, António Pinheiro, André de Resende, “o nobre Sago com o seu douto pai”.

Li estas três oitavas no artigo de Eugenio Asensio, “El italiano Britonio, cantor de la Lisboa de D. João III”.² Asensio confessa não ser capaz de identificar os dois homens de apelido Sago. Creio que se trata de Francisco de Sá de Meneses, o futuro conde de Matosinhos, poeta do Leça, e de seu pai, o mais famoso João Rodrigues de Sá de Meneses, tradutor em verso de Ovídio, e autor do diálogo latino *De Platano*.

Britonio é apenas um autor possível, porque nada impede que o epigrama incluído, como vimos, no códice jesuítico do Rio de Janeiro, seja obra dum discípulo dos Jesuítas.

Com efeito, o extraordinário prestígio social, religioso e até político de que desfrutou Vittoria Colonna, sobretudo depois de 1525, quando viúva de Ferrante d’Avalos, marquês de Pescara, se correspondeu com o imperador Carlos V e os papas que então ocuparam o sólio pontifício, torna-a numa das mulheres mais notáveis da Itália do seu tempo. Não ficaria mal, por isso, a um membro da Companhia de Jesus, nessa altura em progressiva ascensão, escrever o epigrama laudatório em honra da marquesa de Pescara.

*

* *

O segundo epigrama do presente artigo, atribuído categoricamente a André de Resende, pelo Prof. John R. C. Martyn, é o famoso *De Roma Antiqua* que conheço, há muitos anos, e de que fiz menção no meu *Catá-*

¹ Cf. A. COSTA RAMALHO, “A propósito de Luísa Sigeia”, *Humanitas* 21-22 (Coimbra, 1969-1970), reimpresso em *Estudos sobre o Século XVI* (2ª edição aumentada, Lisboa, INCM, 1983). Sobre Britonio, consultar o “Índice Onomástico” deste livro.

² Publicado inicialmente em *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. V (Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1972) e reproduzido em Eugenio Asensio, *Estudios Portugueses* (Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1974) 248.

logo dos Manuscritos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, relativos à Antiguidade Clássica, publicado em 1945. Encontrei-o anónimo na miscelânea manuscrita nº 334 da dita biblioteca.

O manuscrito da B.G.U.C. é do começo do século XVIII, o que constitui uma prova da difusão do epigrama. Nesse mesmo século encontramos versos do pequeno poema, acompanhados do nome do seu autor, Ianus Vitalis, a servir de *motto* a uma composição poética em inglês de John Dyer, e Ianus Vitalis, expressamente citado como autor do *De Roma Antiqua* pelo crítico literário Dr. Johnson na *Life of Johnson* de James Boswell. Tudo isto vem citado em pormenor no artigo “Um epigrama em latim, imitado por vários” que publiquei em *Humanitas* 4 (1954) e 5-6 (1955-56) e reproduzi mais tarde em *Estudos sobre a Época do Renascimento* (1ª edição, Coimbra, IAC/CECH, 1969; em 2ª edição melhorada, Lisboa, FCG/JNICT, 1997), como capítulo XVIII, com o título de “As Ruínas de Roma”.

A versão publicada foi transcrita de Io. Matthaeus Tuscanus, *Carmina Illustrium Poetarum Italarum*, vol I. (Lutetiae, 1576) p. 283. Aí o seu autor é Ianus Vitalis. Consultei este livro na Bodleian Library, em Oxford.

Na altura, talvez com uma opinião optimista sobre os conhecimentos de latim, então correntes neste país de latinófbus que é Portugal, deixei de dar uma tradução. Mas sabe-se cada vez menos a língua de Roma e acho melhor, depois do texto original, dar a versão portuguesa.

DE ROMA

*Qui Romam in media quaeris nouus aduena Roma,
Et Romae in Roma nil reperis media,
Aspice murorum moles, praeuptaque saxa,
Obrutaque horrenti uasta theatra situ:
Haec sunt Roma: uiden uelut ipsa cadauera tantae
Vrbis adhuc spirent imperiosa minas?
Vicit ut haec mundum, nisa est se uincere: uicit,
A se non uictum ne quid in orbe foret.
Nunc uicta in Roma uictrix Roma illa sepulta est?
Atque eadem uictrix, uictaque Roma fuit.
Albula Romani restat nunc nominis index,
Qui quoque nunc rapidis fertur in aequor aquis.
Disce hinc quid possit fortuna: immota labascunt,
Et quae perpetuo sunt agitata manent.*

ACERCA DE ROMA

“Recém-chegado que procuras Roma no meio de Roma,
 e de Roma no meio de Roma nada encontras,
 contempla a grandiosidade dos muros, os penedos a pique
 e caídos em ruína horrorosa os imensos teatros.
 Tudo isto é Roma. Não vês, como se eles fossem o cadáver de
 tão grande cidade, que respira ainda imperioso e ameaçador?
 Qual ela venceu o mundo, assim foi forçada a vencer-se a si
 própria. Venceu, para que nada no universo ficasse por vencer.
 Agora na Roma vencida está sepulta a famosa Roma vencedora
 e foi a mesma, a Roma vencedora e a vencida.
 Sinal do nome romano só resta o Tibre que ainda agora é
 levado com suas águas rápidas ao mar imenso.
 Aprende daqui o que pode a Fortuna: o que é imóvel desliza
 em ruínas, e o que perpetuamente se move, é o que fica”.

Metrica e estilisticamente, o epigrama é fraco. Mas a ideia central de transitoriedade das coisas humanas, expressa numa série de contrastes, impressionou os leitores e fez que esta pequena elegia, sob a forma de epigrama, fosse a origem de alguns sonetos que se tornaram famosos.

A autoria de Ianus Vitalis não pode ser posta em dúvida. O epigrama aparece em 1553 no seu livro *Iani Vitalis Panormitani Sacrosanctae Romanae Ecclesiae Elogia* (Romae apud Valerium Doricum Aloysium Fratres Brixien. Anno Domini. 1553) p. 3.³

A autoria de André de Resende é uma fantasia do Prof. John Martyn. As colectâneas manuscritas de versos latinos contêm composições variadas, algumas delas escolhidas apenas pela sua voga ao tempo, e geralmente transcritas sem indicação do autor.

A atribuição a André de Resende, por parte de Martyn, tem por base o aparecimento do epigrama em manuscritos que ele atribui a André de Resende. Mas essa opinião não assenta em qualquer prova concreta. Os manuscritos referidos pelo professor australiano contêm composições anónimas, de autores diversos, na sua maioria da Companhia de Jesus.⁴

³ G. H. TUCKER, “Sur les *Elogia* (1553) de Janus Vitalis et *Les Antiquitez de Rome* de Joachim du Bellay”, *Bibliothèque d’Humanisme et Renaissance* 47 (Librairie Droz S.A., Genève, 1985) 103-112.

⁴ A. COSTA RAMALHO, “O poema *De Agnetis Caede* será uma fonte de *Os Lusíadas*?”, *Península. Revista de Estudos Ibéricos* 1 (Instituto de Estudos Ibéricos, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004) 113-121.

Também a estadia de André de Resende em Roma, cerca de 1533, quando acompanhava D. Pedro de Mascarenhas, seu aluno, então embaixador de D. João III junto do imperador Carlos V, não está comprovada por qualquer facto ou documento concreto. E mesmo que lá tivesse estado, isso não quer dizer que o epigrama seja necessariamente da sua autoria. Havia em Roma muitos poetas latinos.

Assim, afirmar categoricamente a autoria de Resende, como Martyn fez, em nota ao epigrama no seu livro *André de Resende's Latin Poems*, p. 41, constitui uma atitude acrítica e fantasista.